

PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 01, EPISÓDIO 06
Covid-19: Como chegamos aqui?

Thaís: Era 31 de dezembro de 2019 quando a Organização Mundial da Saúde recebeu o primeiro alerta da China sobre uns casos estranhos de pneumonia que tavam aparecendo por lá, principalmente na cidade de Wuhan. Uma semana depois, tava confirmado o surgimento de um novo tipo de coronavírus.

Thaís: A situação escalou num piscar de olhos. Se inicialmente só Wuhan ficou isolada, logo toda a China tava na mesma situação, com viagens domésticas e internacionais sendo canceladas. No dia 28 de janeiro, Alemanha e Japão registraram os primeiros casos entre pessoas que não tinham pisado em território chinês.

Thaís: Eu até tava preocupada nessa época. Mas confesso que tinha uma sensação de que seria uma doença leve, e que não se espalharia pelo mundo todo. E olha que eu cobria saúde há um bom tempo já. Deve ser coisa de brasileira otimista, que vive em país sem terremoto, nevasca, tsunami e com carnaval se aproximando. Se você ouviu o episódio anterior, sabe que a gente aqui do Ciência Suja gosta de carnaval.

Theo: É, tinha mesmo um clima de negação do que estava por vir. Tanto que no dia 22 de fevereiro os bloquinhos de carnaval invadiram as ruas. Mas a realidade bateu na nossa cara quando todo mundo tava de ressaca, na quarta-feira de cinzas.

((SONORA arquivo TV Brasil))

“Repórter: O Brasil tem o primeiro caso do coronavirus confirmado. É um homem de 61 anos que viajou para a Itália”

Theo: O anúncio mais impactante veio no dia 11 de março, quando o Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, declarou que o mundo tava vivendo uma pandemia.

((SONORA TEDROS- arquivo))

“Covid-19 can be characterized as a pandemic.”

Theo: Mais ou menos uma semana depois, a maioria das pessoas que eu conheço já tava trabalhando de casa. Aí começou a corrida por máscaras e álcool em gel, as trocas de roupa a cada saída na rua, os banhos nas compras de supermercado...

Thaís: O mais pessimista dos meus amigos chutou que em outubro de 2020 o caos estaria controlado, e eu achei um absurdo. Pra mim, até final de abril a situação ficaria melhor. Mas olha a gente aqui: estamos no final de 2021 e a pandemia não acabou. Já o otimismo...

Theo: Neste episódio do Ciência Suja, nós vamos abordar a condução brasileira da pandemia. Até porque nosso país tá no top 10 global de maior número de mortes por milhão de habitantes, [segundo o site Worldometer](#). Como é que a gente chegou nesse caos?

((SONORA HALLAL))

32:02 Botem nas mãos, nos dedos de uma das mãos, cinco pessoas que vocês conhecem que faleceram por covid. Infelizmente qualquer brasileiro é capaz de fazer isso. **32:23** Agora, imagina que dessas cinco, quatro poderiam estar vivas. Esse é o tamanho da tragédia

Theo: Meu nome é Theo Ruprecht.

Thaís: Eu sou Thaís Manarini. E este é o último episódio da primeira temporada do Ciência Suja, o podcast que mostra que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

((RESPIRO))

Theo: Desde o início da produção do Ciência Suja, no fim do ano passado, a nossa ideia era fechar a temporada com um episódio sobre a pandemia. A gente queria fazer uma espécie de retrospectiva do que aconteceu até aqui.

COLOCAR UM TRECHINHO DA RETROSPECTIVA 2020 da Globo

“2020. Que ano foi esse, que entra para a história como um dos mais assustadores já vividos pela humanidade.”

(efeito de glitch pra voltar)

Thaís: Não, não, essa é uma retrospectiva diferente. É que enquanto a gente produzia os episódios anteriores, foi ficando impossível não traçar um paralelo entre todas aquelas histórias e a pandemia. Sabe a pergunta que o Theo fez agora há pouco,

“Como a gente chegou nesse caos?”. Então, tudo o que a gente veio descobrindo na primeira temporada do Ciência Suja ajuda a entender esse trajeto.

Thaís: Mas se você ainda não ouviu os outros episódios, não tem problema. A gente vai resgatar os assuntos, dessa vez com esse olhar voltado pra bagunça que o Brasil virou durante a pandemia. Você termina aqui e depois maratona os outros.

Thaís: Vamos lá, então. Pensa na fosfoetanolamina sintética, a tal pílula do câncer do nosso primeiro episódio. Eu duvido que quem acompanhou aquela história não tenha feito uma comparação com a cloroquina e seu uso na pandemia.

((LUIZ CARLOS DIAS))

“8’08 São coisas diferentes, mas têm algo em comum: o uso de terapias sem comprovação científica no nosso sistema público de saúde. A fosfoetanolamina não chegou a entrar e a ser distribuída no SUS, pelo até onde sei, mas acontece que chegou a ser recomendada por várias instituições médicas, foi referendada pela nossa presidente, né?”

Theo: Esse aí é o professor Luiz Carlos Dias, em uma entrevista que ele deu pra gente pro primeiro episódio do podcast. O Luiz Carlos trabalha no Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, e ficou com a missão de desvendar o que de fato tinha dentro da pílula do câncer, que foi alardeada como cura para todos os tipos de tumores.

Theo: A tal fosfoetanolamina sintética nasceu dentro da USP de São Carlos. Quem colocou a fosfo no mapa foi um professor chamado Gilberto Chierice, que morreu em 2019. Ele começou a distribuir a substância no meio da década de 90 lá dentro da USP de São Carlos mesmo. Detalhe: a produção era tão tosca que tinha um técnico que fumava enquanto preparava a fosfo. E claro que nunca teve UM ÚNICO ESTUDO EM HUMANOS comprovando que ela realmente combatia o câncer.

Theo: Quando a universidade proibiu a distribuição da pílula, várias pessoas entraram com processos judiciais pra ter acesso à fosfo. E muitos juízes aceitavam o pedido, o que escancarava um desconhecimento no sistema judiciário sobre o método científico. Pra piorar, políticos começaram a se aproveitar do clamor social pra ganhar palanque. Eles também pediam a liberação da pílula.

((SONORA BOLSONARO - arquivo))

“O Magno Malta vai pegar esse projeto, vai abraçá-lo e vai levar avante. Nos próximos dias, se Deus quiser, teremos esse projeto pronto na mesa da presidente pra ela sancionar. E eu tenho certeza que ela vai sancionar, tá ok?”

Thaís: É, o Bolsonaro tava no meio dessa zona. Mas aí foram feitas pesquisas sérias com a fosfo. O professor Luiz Carlos Dias, por exemplo, mostrou que o conteúdo das cápsulas não batia com aquilo prometido pelo Chierice. Tinha um monte de impureza lá dentro. Já num estudo do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo com seres humanos, a substância não mostrou nenhum efeito contra a doença. Zero. Era pra história ter morrido aí, né?

Thaís: Só que até hoje tem gente defendendo a fosfoetanolamina sintética e tratando o caso como um golpe da indústria farmacêutica contra um professor bonzinho que descobriu uma receita barata e eficaz contra o câncer e só queria ajudar as pessoas. E não é nada disso. Diferentes relatos indicam, por exemplo, que o Chierice e a sua turma pediam pros pacientes abandonarem tratamentos como quimio e radioterapia. Como a microbiologista Natalia Pasternak, presidente do Instituto Questão de Ciência, disse pra gente no primeiro episódio...

SONORA NATALIA PASTERNAK

54'54 Quantas pessoas teriam abandonado os seus tratamentos, que poderiam lhes ter salvado a vida, pra embarcar na pílula do câncer? Quantas pessoas morreram de fosfoetanolamina? Nós nunca vamos saber, porque no obituário dessas pessoas vai estar escrito que elas morreram de câncer. Então esse é um crime invisível. **55'15**

Thaís: A fosfo é considerada uma das grandes vergonhas da ciência brasileira. Mas, agora, na pandemia de covid-19, esse escândalo ganhou um concorrente muito, muito forte.

((SONORA MARCUS LACERDA))

2:24 Aquilo ali mostrava o nosso potencial de acreditar no charlatão, né? **2:32**

2:58 Mas você nunca imaginou ver o charlatão aqui na sua cidade ou do seu lado, né **3:04**

Theo: Esse aí é o infectologista Marcus Lacerda, da Fiocruz. Ele trabalha com doenças infecciosas em Manaus, na Amazônia, há 21 anos. Ao longo dessas duas décadas ele estudou a cloroquina no contexto da malária. Pra quem não sabe, aliás, essa é a função original do remédio.

Theo: O Marcus contou pra gente que os artigos iniciais sobre a cloroquina contra a covid foram publicados por pesquisadores gringos justamente quando Manaus enfrentava um aumento expressivo de infecções pelo coronavírus. Resumindo: ele tava

com a faca e o queijo na mão para fazer o primeiro trabalho bem controlado em humanos sobre cloroquina aqui no Brasil.

((SONORA MARCUS LACERDA))

04:36 eu tinha uma equipe de pesquisa já preparada que fazia pesquisa clínica, nós sabíamos como escrever protocolo, nós conhecíamos a droga e a literatura toda dela e tínhamos a doença, né?

Thaís: Nesse momento inicial da pandemia, lá por março de 2020, a proposta de testar a cloroquina não era nada descabida. E o que os cientistas mais queriam na época era encontrar um remédio já disponível no mercado que também tivesse efeito contra o coronavírus, fosse cloroquina ou qualquer outro. Essa estratégia de reposicionar um medicamento não é nova e costuma ser mais rápida do que desenvolver uma droga do zero.

Thaís: Bom, o fato é que dava pra aproveitar os casos de Manaus pra oferecer respostas sobre a cloroquina. E a primeira pergunta a se fazer era: é seguro usar esse remédio em pacientes graves? O Marcus já conhecia um trabalho preliminar que sugeria que, pra ter efeito contra a covid, a dose de cloroquina precisava ser mais alta do que a normalmente aplicada pra malária.

Theo: Aí ele e outros pesquisadores do seu time revisaram a literatura científica pra encontrar a maior dose de cloroquina que tinha sido usada com segurança até então. E deram essa mesma dose pra uma parte dos 81 voluntários com covid grave que eles recrutaram. O restante tomou concentrações menores. Foi aí que casos de arritmias cardíacas entre os participantes começaram a aparecer, o que obrigou o Marcus a interromper a pesquisa. [Os dados preliminares foram publicados em abril de 2020, e levantavam um sinal amarelo.](#)

Theo: Embora a pesquisa tenha sido desenhada para abordar mais a questão da segurança e menos a da eficácia, outros resultados dela enfraqueciam a teoria de que a cloroquina teria função contra a covid-19. No trabalho dele, depois de cinco dias de tratamento, por exemplo, a carga viral na secreção respiratória dos voluntários não foi alterada.

((SONORA MARCUS LACERDA))

22:52 E a gente fez a dosagem da cloroquina na secreção respiratória dos pacientes e a verdade é que a cloroquina apesar de chegar bem no sangue, ela não consegue chegar na secreção respiratória, né? A gente está trabalhando esses dados agora para publicar porque não adianta a cloroquina estar no sangue. O vírus não está no sangue, ele está no pulmão, então se a cloroquina não chega no pulmão, não adianta você fazer ela porque ela não vai chegar onde o vírus tá. **23:19**

RESPIRO

Thaís: Hora de voltar um pouquinho na história. Lembra que a gente comentou que os primeiros artigos sobre a cloroquina foram publicados por cientistas de fora? Então: o trabalho gringo mais emblemático, que deu o pontapé inicial pra todo esse auê, é do microbiologista francês Didier Raoult.

Thaís: [Na pesquisa que ele conduziu com quase 40 pacientes](#), alguns receberam só hidroxicloroquina, enquanto outros tomaram hidroxicloroquina e azitromicina, um antibiótico. No fim de março, o Didier Raoult divulgou que seis dias desse combo zeraram a carga viral em 100% dos casos, contra 12,5% de um grupo controle.

Theo: Seria um ótimo resultado, e o Didier Raoult não era alguém que veio do nada. Puxando pelo site Pubmed, ele participou de mais de 3 mil artigos científicos até hoje, o que é estranho. Fazendo uma conta de padaria aqui, se tivesse começado a publicar pesquisas aos 18 anos, ele precisaria soltar um estudo a cada 6 dias. Claro que o Didier Raoult também coordena estudos e tudo mais, mas ainda assim é muito artigo pra pouco dia, então na melhor das hipóteses o cara não tá dando a atenção necessária pro que ele assina. Mas enfim, o fato é que o Didier Raoult tinha uma fama considerável.

((SONORA MARCUS LACERDA))

08:41 Eu acho que todos nós de uma certa forma, ficamos seduzidos porque o Presidente Americano falou sobre o estudo com muita empolgação e eu acho que a tendência natural da gente foi imaginar o seguinte: bom, esse sujeito que é o presidente da maior economia do mundo deve ter alguma informação privilegiada que a gente não tem, né? Ele deve ter visto além daquele estudo **09:03**

Theo: As palavras do Didier Raoult e o pronunciamento do Donald Trump fisgaram muita gente. Mas não demorou pras falhas da pesquisa começarem a ser expostas. O primeiro ponto é que 40 pessoas é pouca gente pra chegar numa conclusão definitiva. Só que a coisa piora, e muito: o Didier Raoult DESCARTOU seis pacientes no meio do estudo. Entre os motivos, teve morte por covid e necessidade de internação em UTI. Ou seja, ele excluiu indivíduos que atrapalhariam aquele suposto resultado fantástico de cura. Se esses 6 voluntários fossem mantidos na pesquisa, os dados NÃO apontariam benefícios da hidroxicloroquina. E olha que essa foi só uma das falhas do experimento. O Didier Raoult, aliás, tem um histórico controverso pra dizer o mínimo. [Além de fazer pouco caso do aquecimento global e da teoria da evolução do Darwin](#),

ele chegou [a ser proibido por um ano de publicar artigos em uma revista científica](#) específica após uma suspeita de fraude.

Thaís: No mais, os resultados que o Didier Raoult descreveu com a hidroxicloroquina não foram replicados por nenhuma outra equipe, o que é fundamental na ciência. Se um desfecho qualquer é realmente válido, o natural é que outros pesquisadores também cheguem nele se seguirem o mesmo protocolo. E não foi assim.

Thaís: Como as críticas ao trabalho não paravam de pipocar, o Didier Raoult acabou publicando [uma carta em janeiro de 2021](#) onde admitia os erros apontados pelos colegas. Mesmo assim, o microbiologista francês não abandonou a teoria de que a cloroquina tinha potencial contra a covid-19. Pro Marcus Lacerda, a explicação pra essa teimosia é simples.

((SONORA MARCUS LACERDA))

10:46 Eu acho que ele é o mau pesquisador porque a gente tem que estar como pesquisador disposto a mudar de ideia todos os dias, né? **11: 23** Eu fiz o estudo com cloroquina porque eu acreditava que funcionava, né? Ninguém faz um estudo para desacreditar uma droga, nunca vi isso na minha vida.

Theo: É compreensível que um pesquisador persiga uma hipótese até onde der. Mas quando aparecem dados convincentes de que a tal teoria é uma furada, aí é hora de partir pra outra. E surgiram um monte de dados convincentes no caso da cloroquina.

((SONORA MARCUS LACERDA))

12:22 Pesquisador tem que trocar de ideia como quem troca de roupa suja, se eu continuar com aquela ideia a vida inteira, isso não é um princípio razoável da boa ciência.

Thaís: O Didier Raoult virou alvo de uma denúncia na Ordem dos Médicos da França. No meio científico, ele passou a ser visto como um charlatão, QUE NEM os pesquisadores que defendiam a pílula do câncer aqui no Brasil.

Thaís: Mas isso aí não importa pro Bolsonaro. Depois do discurso do Trump, ele abraçou esse remédio para não soltar nunca mais.

((COMPILADO BOLSONARO - arquivos diversos))

“Estou tomando aqui a terceira dose da hidroxicloroquina... ha ha ha ha

Receberemos, até sábado, matéria-prima para continuarmos produzindo a hidroxicloroquina.

A hidroxicloroquina... tá proibido! Se não tem alternativa, por que proibir? Ah, não tem comprovação científica que seja eficaz. Mas também não tem comprovação ci... é, cienti... é científica que não tem compro... que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem.

Então, eu confio na hidroxicloroquina... e você? Valeu, tamo juntos!”

Thaís: Bom, o fato é que essa insistência na cloroquina teve um efeito maluco, e que também aconteceu com a fosfo: a politização de um remédio. Muitos profissionais da saúde decidiram simplesmente ignorar evidências científicas pra seguir usando e defendendo um protocolo não só ineficiente contra o coronavírus como perigoso.

Thaís: Na visão do Marcus, um dos motivos disso é que vários médicos ficaram famosos ao sair em defesa da cloroquina.

((SONORA MARCUS LACERDA))

14:39 E chegar hoje na imprensa e falar assim, 'eu tava errado, não era isso' não é uma coisa que desagradaria ao verdadeiro cientista, mas ao charlatão, aquele que se propôs a aparecer na mídia, é um problema dizer que ele estava errado.

Theo: E tem mais um ponto: nem todo médico é pesquisador. E tudo bem! Só que nessa confusão alguns profissionais de saúde aproveitaram pra disseminar um monte de bobagem sobre a covid. E muita gente cai porque acredita estar ouvindo a voz da razão:

Várias vozes de homens e mulheres dizendo:

“É um médico falando”,” foi o médico da minha tia quem disse! “Quem falou foi o médico...” , “é um médico que tá falando, olha lá!” “Acredito porque foi o médico quem disse, né?”

Theo: No caso da cloroquina, no meio de 2020 já tinha bastante trabalho científico de qualidade apontando pra inutilidade da droga contra a covid. Insistir em usar esse remédio no dia a dia não fazia muito sentido. Mas no Brasil, o Conselho Federal de Medicina, o CFM, determinou que prescrever esse remédio era uma questão de

autonomia médica. Que autonomia é essa que libera uma pessoa pra prescrever um negócio que não funciona?

Theo: E que ninguém se esqueça que a diretoria atual do CFM tá, no mínimo, referendando essa política bizarra do governo federal. Se você tem qualquer dúvida disso, olha o que o próprio presidente do conselho, o Mauro Luiz de Britto Ribeiro, disse em maio de 2020. O trecho é de uma live que o jornal Metrôpoles recuperou:

SONORA PRESIDENTE DO CFM em LIVE

<https://www.youtube.com/watch?v=Mha0Xxe2DNA>

0'13 Não existe nenhuma evidência científica, nada de medicina baseada em evidência, que comprove alguma eficácia da hidroxiclороquina. Mas nós numa decisão bastante fora do que nos é, é... fora das nossas normas, acabamos liberando o uso da hidroxiclороquina.

Theo: O cara sabe que a hidroxiclороquina não funciona. Mas olha o tipo de embasamento pra uma decisão dessa:

Nós não vamos conseguir recuperar o dano da época da presidente Dilma e do ministro Alexandre Padilha. **0'55**

1'05 E o presidente Bolsonaro já nos recebeu cinco vezes no Palácio do Planalto.

+

1'17 Ele nunca falou: isso aqui eu não posso atender. E as coisas ficam muito mais fáceis, porque quando existe diálogo, antes que as normas sejam postas você tem a oportunidade de consensuar aquilo que vai ser proposto.

Theo: É muito cinismo e toma-lá-dá-cá pro meu gosto, viu?

Thaís: E como tudo sempre pode piorar, recentemente a GloboNews revelou aquela que provavelmente será lembrada como uma das histórias mais chocantes da pandemia: um estudo completamente antiético da operadora Prevent Senior com a hidroxiclороquina e outras substâncias. Aquilo ali não devia nem ser chamado de estudo, e sim de experiência macabra.

Thaís: Pra começar, qualquer pesquisa só pode ser iniciada no Brasil com a autorização da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa, a Conep. A Conep deu o aval pra Prevent Senior fazer o estudo em [14 de abril](#) e, apenas três dias depois, a operadora já soltou os resultados do trabalho. Agora me diz: como uma pesquisa com

centenas de voluntários fica pronta em três dias? Isso é impossível, eles claramente já tavam tocando o experimento sem autorização oficial pra isso.

Thaís: E só piora. Em mensagem obtida pela GloboNews, um dos diretores da Prevent Senior pediu aos profissionais de saúde que não avisassem os pacientes e familiares sobre o uso dos remédios. Quando os primeiros resultados do tal estudo saíram, as conclusões foram favoráveis ao tratamento precoce, óbvio. Só tinha um detalhe que foi descoberto depois: os autores ocultaram a morte de sete participantes. Pelo visto, o pessoal se inspirou no “método-Didier-Raoult de pesquisa científica”.

Thaís: Além disso, alguns médicos que trabalham na Prevent Senior se juntaram para denunciar a operadora por obrigá-los a prescrever o kit covid, composto por itens como a hidroxiclороquina. O médico que não recomendasse o kit sofria retaliações. Cadê a autonomia médica aqui?

((SONORA PEDRO HALLAL))

43:10 Toda a defesa da construção da narrativa foi o médico, estando individualmente com paciente, ele tem o direito de, se achar que é bom para aquele paciente, prescrever o medicamento.. **43:46** O que está sendo revelado não tem nada a ver com isso. Não é a decisão, a autonomia médica de prescrever. Ao contrário: é quebra da autonomia médica obrigar a prescrever.

Theo: Agora você tá ouvindo o Pedro Hallal, um epidemiologista da Universidade Federal de Pelotas. Ele foi reitor de lá entre 2017 e 2020 e hoje tá fazendo parte do pós-doutorado nos Estados Unidos.

Theo: Quando o coronavírus chegou ao Brasil no ano passado, entre fevereiro e março, o Hallal e seu time desenharam uma pesquisa pra monitorar a evolução da pandemia no Rio Grande do Sul. Era o estudo Epicovid.

Theo: Aí o Ministério da Saúde, ainda chefiado pelo Luiz Henrique Mandetta, convidou o Hallal pra fazer esse mesmo protocolo em âmbito nacional. Ele topou e começou a tocar o projeto. Esse trabalho foi um dos primeiros do mundo a mostrar que criança pega covid tanto quanto adulto, ainda que de forma mais leve. E também revelou a magnitude de um sintoma bem marcante da doença: a perda de olfato e paladar.

((SONORA HALLAL))

07:36 Depois, o epicovid mostrou abismais diferenças sócioeconômicas e étnicas raciais na distribuição da covid no Brasil. Então, as pessoas mais pobres, as pessoas

negras, tanto pretas quanto pardas, e os povos indígenas com risco bem maior de infecção do que os seus pares, as pessoas brancas. **07:58** E as pessoas pobres com o risco, o dobro de infecção em comparação com as pessoas ricas.

Thaís: Só que essas informações aí pelo visto não agradaram o Ministério da Saúde, então já sob o comando do general Pazuello. Segundo o Hallal, em reuniões feitas antes de uma coletiva de imprensa, o desconforto do alto escalão era nítido com esse fato de que indígenas e outras populações vulneráveis sofriam mais com a covid. O Hallal até rebateu, ele explicou que pesquisa é assim mesmo: você encontra um dado e relata. E aí chegou o dia da apresentação dessa fase da pesquisa pra imprensa.

((SONORA HALLAL))

10:23 Quando eu cheguei lá, já devidamente trajado, de terno, aquela coisa toda, faltando 15 minutos para começar a coletiva, eu fui informado pelo assessor de comunicação do ministério que o slide que mostrava o maior risco entre as pessoas indígenas havia sido retirado da minha apresentação. **10:45**

Thaís: Mesmo sem o slide, o Hallal apresentou os resultados e, nos dias seguintes, ele fez questão de divulgar a informação censurada na mídia nacional e internacional.

Theo: Então agora vamos juntar alguns fatos, e calma que o raciocínio vai voltar pro Hallal e pro impacto do coronavírus em grupos mais vulneráveis. Vamos lá: no início da pandemia, houve uma discussão quente sobre a validade da quarentena. O Bolsonaro sempre foi contra, com a alegação oficial de que a economia supostamente seria sacrificada. Mas a maioria dos governadores impôs, em maior ou menor grau, medidas para restringir a circulação, como o fechamento de parte do comércio não essencial.

Thaís: No meio do impasse, surge a cloroquina, logo alçada ao posto de salvadora da pátria. E como as evidências sérias começavam a mostrar a falta de eficácia da droga, surgiu um papo assim: “poxa, mas que mal tem? Se a cloroquina não ajudar, também não vai atrapalhar”. Não poderia haver maior engano do que esse. Primeiro, porque ela pode afetar o coração. Em segundo lugar, tem esse efeito aqui ó:

((SONORA PASTERNAK na nossa live

34:26 As pessoas se achavam tratadas, achavam que se elas tomassem a cloroquina, elas não precisavam usar a máscara, elas não precisavam se cuidar, elas não precisavam cumprir o distanciamento social e que se elas ficassem doentes, tudo bem, porque ó aqui a cura milagrosa! Tem a cloroquina, tem a ivermectina, tem a nitazoxanida, então tudo bem se eu ficar doente! **34:47**

Thaís: Essa é a Natália Pasternak de novo, mas agora em uma live que fizemos nas redes sociais para marcar nossa estreia. E é bem isso mesmo: assim como a pílula do câncer afastou muitos pacientes de tratamentos de verdade, a cloroquina e todo o kit covid na verdade fez muita gente menosprezar o coronavírus. Ué! Se tem tratamento, não tem pra que ficar preso em casa. Melhor sair pra rua e salvar a economia.

Theo: Essa fixação com a economia, e que nem faz muito sentido porque países que tomaram medidas adequadas contra a pandemia se recuperaram mais rápido, explica por que o governo também apostou por um bom tempo na estratégia da imunidade de rebanho natural. A ideia aqui era expor boa parte da população pra rolar uma infecção generalizada mesmo. Isso faria com que quase todo mundo desenvolvesse uma defesa natural, e aí o vírus pararia de circular, sem necessidade de vacina. Só que apostar nessa estratégia era aceitar a morte de milhões de cidadãos logo de cara, até por causa da sobrecarga no sistema de saúde. E isso sem saber se esse método funcionaria - como a gente viu depois, os casos de reinfecção se tornaram relativamente comuns com as variantes. Então, não! Não funcionaria.

Thaís: E aqui a gente finalmente volta pra pesquisa do Hallal, que mostrava que quem tinha maior suscetibilidade de pegar covid-19 eram os pobres, os pretos e os indígenas. Junto com os idosos e as pessoas com comorbidades, eles seriam o grupo que mais morreria se as autoridades mantivessem tudo aberto e deixassem o coronavírus comer solto.

Theo: Ou seja, a tal imunidade de rebanho seria conquistada principalmente às custas de pessoas ainda consideradas por muita gente como de segunda classe. Isso chama eugenia, como disse o médico Arnaldo Lichtenstein, no Jornal da Cultura em 11 de maio de 2020.

((SONORA ARNALDO LICH - arquivo))

<https://www.youtube.com/watch?v=TDztePweQgc>

1:07 As pessoas que vão morrer, muitas são os idosos, aí tem a fala “mas já ia morrer mesmo”, ou as pessoas que já têm doença, já estavam doentes, e vão ficar os jovens e atletas. Isso chama eugenia. **1:36**

Theo: A gente usou essa fala no segundo episódio do podcast, que abordou justamente a eugenia. Essa ciência torta, nascida no século 19, defendia que existiam homens e mulheres com características superiores, e que a sociedade devia dar todas as condições para que eles prevalecessem e gerassem descendentes. Coincidentemente (ironia), esse distinto grupo vinha a ser branco e europeu.

Theo: O pai da eugenia é o britânico Francis Galton, primo de ninguém menos do que o Charles Darwin, famoso por seus estudos sobre evolução. No começo, o Galton abraçava uma eugenia que ficou conhecida como positiva, mas de positiva não tinha nada. Ela só ganhou esse nome porque era baseada no incentivo à reprodução desses tais sujeitos elevados.

Thaís: Mas logo a história ganhou contornos mais cruéis, e apareceram os defensores da eugenia negativa. Eles basicamente queriam impedir que os humanos inferiores, por assim dizer, gerassem descendentes. E aqui a gente tá falando de novo de pobres, pretos, dependentes químicos, ou simplesmente de gente que não se adequava à sociedade. E aí valia tudo: de segregação racial à esterilização.

Thaís: Esses preceitos foram levados à última potência pela Alemanha nazista. Com base nesse papo de raça superior, o Hitler matou cerca de 6 milhões de pessoas. Sob seu comando, 1% da população alemã passou por esterilização forçada. E experiências horríveis aconteceram nos campos de concentração. Só ficou vergonhoso ser eugenista depois que a Segunda Guerra acabou e todas essas atrocidades vieram à tona. Antes disso, a eugenia tava meio na moda, e conquistou médicos de renome até no Brasil.

Thaís: Na época da apuração pro nosso episódio sobre eugenia, a gente conversou com o Vanderlei Sebastião de Souza. Ele é um historiador da Universidade Estadual do Centro-Oeste, do Paraná, e um estudioso da eugenia. Sobre a atuação do governo em favor da imunidade de rebanho durante a pandemia, ele disse isso aqui:

((SONORA VANDERLEI))

1:34:48 Eu não consigo não ver isso como medida eugênica. Ou se não é projeto eugênico, no sentido organizado, para a eliminação mesmo, ele é baseado em princípio de que “ah, pessoas pobres... são só idosos... ah, já tinha comorbidade... era doente, era obeso, então vale menos.” 1:35:11 é um ser humano de segunda categoria, né? Não importa se morre.

Thaís: Como o Hallal fez aquele levantamento e descobriu que as populações vulneráveis eram justamente as que tinham maior risco de pegar covid-19, eu perguntei se ele acha que esse tipo de informação pode ter influenciado naquele papo do governo sobre imunidade de rebanho. E se ele enxergava traços eugênicos nesse incentivo todo pra população deixar de ter medo e ir pra rua.

((SONORA HALLAL))

38:40 Eu não só enxergo, como eu afirmaria com bastante tranquilidade que sim, nós temos um projeto que se assemelha muito a projetos que governaram alguns países da Europa na primeira metade do século passado. **38:55** Claro que a roupagem é diferente. Claro que o momento da sociedade é outro, mas nós estamos vendo coisas absolutamente similares.

Theo: O Hallal também acha que a falta de ética em algumas pesquisas de hoje lembram desse passado aí. E infelizmente não dá pra gente ficar só no caso da Prevent Senior. Recentemente, veio a público uma experiência muito suspeita com a proxalutamida, uma droga originalmente estudada contra o câncer, mas sem aprovação. Curiosamente, é mais um remédio defendido pelo presidente da República.

((Sonora arquivo bolsonaro))

“Chama-se proxalutamida!”

Theo: Pra começar, a Conep deu liberação para uma instituição de Brasília fazer uma pesquisa com a proxalutamida em 294 pacientes. Mas o endocrinologista Flávio Cadeiani decidiu, da cabeça dele, começar um trabalho no Amazonas, sem autorização. E ele entregou um documento com resultados de muito mais gente: eram 645 indivíduos. Desse grupo todo, DUZENTAS pessoas morreram. DUZENTAS.

Thaís: Pra justificar esse número assustador, o Cadeiani disse que a maioria dos que morreram fazia parte do grupo placebo, que não recebia a proxalutamida. Só que, segundo uma nota da Conep, em tese não teria como o Cadeiani saber disso, porque o estudo era duplo-cego. Isso significa que nem os voluntários, nem o pesquisador deveriam saber o que cada um tava tomando, justamente pra não ter qualquer interferência nos resultados. Esse é o primeiro ponto.

Thaís: A segunda aberração apontada pela Conep é que um número tão alto de mortes exigiria a suspensão do estudo pra conferir o que tá acontecendo. É a toxicidade do remédio em teste que tá provocando as mortes, ou o remédio é tão maravilhoso que os óbitos só tão acontecendo no grupo placebo? Nas duas situações, você tem que parar a pesquisa imediatamente, sem discussão. E o Cadeiani não fez isso, ele viu esse povo todo morrendo e mandou o jogo seguir. Então, direta ou indiretamente, ele deixou pessoas morrerem.

Theo: E de novo, 200 pessoas num universo de 645 é MUITA GENTE MORRENDO, mais de 30% dos voluntários. Tanto que a Conep chegou a escrever isso aqui sobre o assunto:

((NARRAÇÃO do Pedro))

“Não se descarta a hipótese que o grupo controle tenha recebido inadvertidamente um fármaco diferente de placebo com potencial tóxico e que explicaria a elevada frequência de falência renal e hepática neste grupo.”

Theo: Ou seja, existe a teoria de que, em vez de tomar uma substância placebo, sem efeito no organismo, o pessoal do grupo controle teria recebido alguma coisa tóxica. E se você tem mais mortes no grupo placebo e menos no da proxalutamida, dá a impressão de que ela funciona pra valer. Seria especulação dizer que teria uma intenção do Cadegiani por trás disso, mas ela por si só já embrulha o estômago. A gente esperaria ler uma coisa dessas na biografia do Josef Mengele, aquele médico alemão que fez experiências grotescas em campos de concentração nazistas. Nunca em 2021. No momento, a Conep enviou um ofício pra Procuradoria Geral da República pedindo a investigação da história.

((RESPIRO))

Thaís: Antes de entrar no caso da proxalutamida, a gente tava falando do fato de algumas pessoas terem maior risco de morrer de covid. Desde o início da pandemia, o termo pra definir essa parcela da população inclusive caiu na boca do povo: grupo de risco. Ele basicamente era formado por idosos e indivíduos com problemas como diabetes, hipertensão e obesidade.

Thaís: Esse conceito tá longe de ser novo. Ele foi usado à exaustão na epidemia de HIV, que foi o tema do nosso quarto episódio. Só que lá pela década de 80, quando a AIDS foi descrita oficialmente, a expressão “grupo de risco” teve um efeito mais nocivo e preconceituoso.

Theo: O tal grupo de risco pra aids naqueles tempos era formado eminentemente por homens gays, porque a doença foi identificada primeiro neles. Mas boa parte da população e até profissionais de saúde enxergavam esse grupo de risco como causa da doença, e não como uma vítima dela. A AIDS chegou a ser chamada de peste gay ou síndrome da ira de Deus.

Thaís: Esse estigma todo ajudou a disseminar o HIV. Porque enquanto todo mundo só focava nos gays, o vírus se espalhou numa boa entre as mulheres e os homens heterossexuais. Porque o HIV mesmo nunca teve preconceito.

Thaís: Aí com o tempo, o conceito de ‘grupo de risco’, que só aponta o dedo pras pessoas sem oferecer uma solução, foi superado pelo ‘comportamento de risco’. O

peçoal finalmente colocou na cabeça que a questão não era ser gay, era transar sem camisinha. Não era ser dependente químico, era compartilhar seringas com sangue contaminado.

Theo: Mas essa história de comportamento de risco também tem suas limitações, porque olha muito pro indivíduo. Aí veio o conceito mais acertado pra determinar o impacto de uma doença em dada população, que é o de vulnerabilidade. Ele é mais amplo, e leva em conta muitos outros fatores pra ver o real risco de adoecer e morrer daquilo. Por exemplo: as condições socioeconômicas do país, a educação, as políticas públicas de saúde.

Thaís: Na pandemia, a questão da vulnerabilidade ficou explícita em várias pesquisas. Lembra que pretos e pobres morrem mais de Covid-19? O infectologista Caio Rosenthal, do Hospital do Servidor Público Estadual em São Paulo, que acompanhou a epidemia de Aids desde o comecinho, resume bem a ópera:

((SONORA CAIO ROSENTHAL))

52:23 A desigualdade social que existe aqui no Brasil que faz esse elo de ligação de Covid com AIDS. **24:10** Sempre, dentro de uma epidemia, sempre quem é a vítima são as pessoas mais fracas. **24:18**

Thaís: Ao contrário do que aconteceu com os homossexuais na Aids, não dá para dizer que esses grupos foram considerados culpados por disseminar o coronavírus nem nada disso. Mas não significa que esse rótulo veio livre de preconceitos. Vamos pegar o caso dos idosos.

Thaís: [Em entrevista pro site da BBC](#), a antropóloga e escritora Mirian Goldenberg, que estuda envelhecimento há mais de 20 anos, chamou a atenção pro tanto de discurso “velhofóbico” que rolou na pandemia. Sobre esse grupo, Ela lembrou que políticos, empresários e até o presidente disseram coisas como “vão morrer mais cedo ou mais tarde”. É como se eles não valessem nada pra sociedade.

Theo: Aliás, preconceito foi o que não faltou na pandemia. A gente viu surgir uma discriminação pesada contra a China, pelo fato de o primeiro registro de covid ter vindo de lá. Muita gente chegou ao ponto de chamar o Sars-CoV-2 de “vírus chinês”. Casos de violência contra pessoas de origem asiática dispararam.

Theo: Um relatório do movimento Stop Asian Hate, que a gente pode traduzir como “pare com o ódio contra os asiáticos”, mostrou que essa população foi vítima de 6 603

casos de violência entre março de 2020 e março de 2021. Essa intolerância aconteceu no mundo todo. No Brasil, nós tivemos casos emblemáticos.

((RELATO DE REPORTAGEM))

<https://www.youtube.com/watch?v=nZhwcqFmyhs>

“Esse comunicado chegou a ser fixado nos elevadores. A empresa determinou algumas condições para que os chineses circulem no prédio. Entre elas, o uso de máscaras, utilizar somente o elevador privativo e a higienizar as mãos. O comunicado ainda recomenda que os demais usuários do prédio usem outros elevadores. “

Theo: A xenofobia foi tão preocupante que a OMS até acabou com essa história de identificar uma variante do coronavírus de acordo com o seu país de origem. Em vez de falar em variantes inglesa, sul-africana, indiana ou brasileira, eles passaram a usar letras do alfabeto grego. Ficou alfa, beta, delta e gama.

Thaís: Depois do intervalo, a gente tenta entender como essa sequência de discursos equivocados e acontecimentos desastrosos ganharam tanto espaço e até endosso de órgãos oficiais.

INTERVALO

Theo: O Ciência Suja é apoiado pelo Instituto Serapilheira, que fomenta pesquisas e projetos de divulgação científica pelo Brasil.

Thaís: Assine a gente no seu tocador de podcasts favorito pra não perder nossos episódios e espalhe a palavra do Ciência Suja. A gente vai precisar muito dessa ajuda de vocês pra botar uma segunda temporada de pé. E agora o pessoal do podcast Data Labia, que é muito bom, tem um recado pra você:

TEASER DATA LABIA

VOLTA DO INTERVALO

Theo: Antes do intervalo a gente vinha falando de charlatões idolatrados, de órgãos públicos defendendo medidas anti científicas, de falta de ética e até de eugenia na resposta brasileira contra a covid. E esse caldo de cultura, essa bad trip sem fim, se formou muito por causa da criação lá atrás de um discurso negacionista profissional, e que hoje se espalhou pelo mundo.

Theo: Quem ouviu nosso episódio sobre o cigarro sabe do que a gente tá falando. Pra resumir bem a história, nas décadas de 50 e 60 a ciência já tava deixando claro que

fumar faz muito mal pra saúde. E esses dados poderiam inibir a venda de maços e estimular regulamentações mais pesadas. Como desviar disso?

Thaís: A indústria do tabaco contratou uns cientistas ultraliberais e criou todo um manual pra gerar dúvidas sobre as evidências científicas que associavam o cigarro a doenças cardiovasculares e vários tipos de câncer. Esse manual incluía atacar pesquisadores, bancar pesquisas tendenciosas e manipular a imprensa. Era um negócio profissional, sistematizado mesmo.

SONORA professor ALEXANDRE

36'42 sempre existirá incerteza em algum grau, nem que seja uma margem de erro 0,01%, mas vai existir, então explorar essas brechas é justamente a linguagem, a gramática construída por esses senhores **37'07**

+

38:27 Esses caras portanto formavam um clube de profissionais da negação.

Thaís: Esse aí é o Alexandre Araújo Costa, climatologista e professor da Universidade Estadual do Ceará, em uma entrevista pro episódio sobre cigarro. Mas por que conversar com um climatologista sobre tabagismo? É que na verdade esse modus operandi criado pela indústria do tabaco foi incorporado por um dos setores mais robustos da economia mundial: a indústria petroquímica. Só que nesse caso, o objetivo era jogar uma cortina de fumaça sobre outro consenso científico, o de que o aquecimento global causado pela atividade humana é real, e que a gente precisa usar menos combustível fóssil e repensar o modo de consumir os recursos naturais.

SONORA ALEXANDRE

44:25 E basicamente o discurso era aqueles: “Ah, com essas incertezas aqui, nós vamos abrir mão do nosso bem-estar? do desenvolvimento econômico, vocês vão abrir mão disso, com a ciência que ainda não, que ainda não é sólida, tem tanta duvida?”

Theo: E foi assim, gerando dúvida após dúvida, questionando o que é consenso entre pesquisadores, que o discurso negacionista se infiltrou nas diferentes camadas da sociedade, e o cientista, aquele cara que vive imerso no trabalho dele, que sabe por A + B do que tá falando, começou a ser visto como um profeta do apocalipse.

SONORA ALEXANDRE

45:15 Ou seja, sabe de onde vem a história de taxar a cientista de alarmista, catastrofista, etc, que agora figuras como Átila, Pasternak, e tanta gente boa tá sofrendo? Ok, amigos e amigas da, infectologia, da virologia, da biologia, bem-vindos e

bem-vindas ao inferno, nós tamos nessa... (barulho de dedo estalando) Minha comunidade tá nessa há décadas.

Theo: Quando esse negacionismo profissional caiu na boca do povo, ele saiu do controle das corporações e tomou rumos cada vez mais imprevisíveis. Terraplanismo, criacionismo... esse monte de baboseira ganhou força nesse contexto de ataques à ciência. E aí veio a pandemia.

Theo: Foi essa a ficha que caiu quando a gente tava apurando o episódio do cigarro: o discurso negacionista saiu lá da indústria do tabaco, evoluiu passando pela indústria petroquímica e foi sofrendo mutações e ficando mais forte até chegar - pelo voto - ao governo federal.

SONORA MARCUS LACERDA

25:11 Então, por exemplo, 21 de setembro: o Presidente da República faz o discurso de inauguração da septuagésima sexta Assembleia da ONU e ele continua falando sobre o tratamento precoce da covid. Nenhum de nós podia imaginar em março de 2020 o grau de negação que o governo brasileiro teria em relação a isso, né?

Theo: Esse aí é o Marcus Lacerda de novo.

25:59 Eu não consigo encontrar um paralelo de algo que tenha sido negado durante tanto tempo considerando que a gente está no século XXI, onde a informação é amplamente disponível e auditável.

RESPIRO

Theo: E lembra que o manual dos negacionistas profissionais também prevê a intimidação sistemática de pesquisadores que contradigam os seus interesses? Agora imagina o que um governo negacionista, com uma MÁQUINA ESTATAL nas mãos, não faz quando as conclusões de alguns cientistas desmentem o seu discurso? Aliás, não precisa imaginar não, é só ver o noticiário.

Thaís: O próprio Pedro Hallal foi perseguido porque não aceitou ficar quieto quando o Ministério da Saúde tentou censurar a parte do estudo dele, que expunha a vulnerabilidade dos povos indígenas na pandemia. E porque conseguiu dinheiro pra seguir com essa pesquisa mesmo depois que o governo cortou o seu financiamento.

SONORA PEDRO HALLAL

13:13 Eu acho que a combinação desses fatores me tornou alvo desse gabinete do ódio, porque um governo que usa a desinformação como estratégia de gestão, ele se incomoda muito quando tem alguém que traz a informação verdadeira, correta, adequada.

Thaís: O Hallal teve que lidar com umas ameaças pesadas.

SONORA HALLAL:

Thaís: Chegou nesse nível com você, de sofrer ameaça, de se sentir, sei lá, encurralado ou algo assim?

15:19 Sim, sem dúvida nenhuma. Tanto pelo nível de ameaça do momento em que o Presidente da República tuíta uma distorção de uma entrevista minha, quanto no momento em que um deputado desconhecido faz uma denúncia pedindo a minha demissão no serviço público. **15:39** Ou quando um bolsonarista da minha cidade resolve perseguir a mim de carro na cidade ou minha esposa.

Thaís: E aconteceu a MESMA coisa com o Marcus Lacerda quando ele mostrou que altas doses de cloroquina poderiam causar estragos em pacientes com covid.

SONORA MARCUS

23:48 É, não, eu acho que foi sem dúvida o evento mais duro do que eu já vivenciei, né. Dificilmente alguma coisa vai ser tão dura quanto isso porque eu comecei a receber ataques nas redes sociais de pessoas que queriam me matar mesmo né. (...) Começaram a dizer que sabiam onde eu morava, que conheciam a minha família, que minha família ia morrer para eu sentir na pele o que eu fiz com o familiar dos outros... E isso dá muito medo, porque não foi uma comoção localizada. Foi uma comoção no Brasil inteiro, né?

Theo: Esses casos infelizmente não são isolados. Agora em outubro de 2021, a Nature - uma das principais revistas científicas do planeta - consultou 321 pesquisadores que de alguma maneira comentaram algo sobre a covid na mídia, e mostrou que 15% deles receberam ameaças de morte. 22% sofreram ameaças físicas ou sexuais. E seis cientistas chegaram a dizer que foram fisicamente agredidos. É Isso aí que acontece quando esse discurso negacionista é validado por autoridades, entidades e pessoas influentes.

MARCUS LACERDA

38:12 Eu na verdade não acreditava nessa fábrica de destruição de reputações. Eu achava isso assim, uma coisa que não era real, achava que as pessoas estavam

inventando que havia redes de WhatsApp, enfim, eu comecei a acreditar que havia uma orquestração dessa destruição da minha reputação quando eu vi isso na prática, né. 38:38 Então é aquela história, quando não acontece com você você duvida, né? A gente duvida que a covid mata até perder um parente ou a gente morrer de covid.

Thaís: Felizmente as coisas melhoraram um pouco pro Marcus, e ele conseguiu continuar a fazer pesquisas que salvaram muitos brasileiros. Sua equipe da Fiocruz participou de um trabalho que ajudou a definir como aplicar os corticoides da melhor maneira pra beneficiar pessoas com casos mais severos de covid. O Marcus também tá tocando uma pesquisa que tem mostrado o impacto pra lá de positivo da Coronavac no controle da pandemia. É essa coragem do Marcus e do Hallal, essa coragem de seguir em frente apesar do obscurantismo, que a gente precisa. Ficar xingando e ameaçando no Twitter não é ser corajoso não. É pura covardia.

RESPIRO

Theo: Cada vez mais o governo vai mostrando que o desprezo à ciência é um projeto mesmo. No início de outubro de 2021, o orçamento do Ministério da Ciência e Tecnologia teve um corte de 92% de sua verba, 600 milhões de reais. A medida pegou de surpresa até o ministro responsável pela pasta, o astronauta Marcos Pontes.

SONORA MARCUS LACERDA

54:23 O que mais me dói é ter visto um governo que se recusou a enxergar antecipadamente o que iria acontecer. Porque o mais próximo de uma bola de cristal que a gente tem hoje no mundo é o cientista. 54:39 O cientista consegue definir parâmetros, padrões e prever com algumas certeza o que vai acontecer. 54:46

Theo: Realmente não dá muito pra entender porque alguém desprezaria algo tão valioso quanto uma espécie de bola de cristal, como disse o Marcus Lacerda. Se o Bolsonaro adotasse pelo menos algumas das recomendações de gente séria, ele até teria tirado proveito político disso, como fizeram alguns governadores.

SONORA ALEXANDRE

1:26:35 É ilógico. É irracional sob o ponto de vista da perspectiva do próprio capitalismo. Mesmo que você pense mais no lucro do que nas vidas, o tipo de comportamento do desgoverno brasileiro é irracional.

Theo: Esse aí é o Alexandre de novo. E Pode até parecer irracional pra gente, mas faz sentido dentro da lógica de geração de CAOS que os representantes desse governo

sempre seguiram, mesmo antes de chegar ao poder. Se por um lado gera repulsa e indignação, por outro o Bolsonaro mobiliza suas bases de apoio e favorece interesses que não parecem tão óbvios à primeira vista. É isso o que a gente discutiu no nosso quinto episódio, sobre o movimento antivacina.

Thaís: O maior exemplo moderno é o caso do Andrew Wakefield, um médico britânico que publicou um estudo em 98 associando a vacina tríplice viral, que protege do sarampo, caxumba e rubéola, ao autismo em crianças. Só que o estudo tava recheado de fraudes, e só serviu para deixar o Wakefield milionário por causa de um acordo secreto que ele tinha feito com um advogado que queria processar produtores de vacinas.

Thaís: No Brasil, uma das pessoas que mais critica as vacinas é a Maria Emília Gadelha Serra, que se descreve no Instagram como uma MÉDICA DETETIVE HARDCORE COM SANGUE VIKING. É verdade, sério, a gente tem até print.

SONORA DE ARQUIVO - Maria Emilia Gadelha Serra:

Eu fui treinada numa metodologia da medicina alemã, né? Que é uma espécie de sessão detetive.

Thaís: Ela entrou nessa história depois que alguns adolescentes no Acre que tomaram a vacina do HPV começaram a desmaiar ou sofrer convulsões. Só que não era a vacina o problema, isso ficou comprovado. O que aconteceu é que um jovem passou mal por medo, coisa que a ciência sabe que é possível mesmo. E aí os outros ficaram sugestionados. É o que os cientistas chamam de reação psicogênica em massa.

Theo: Mas pra Maria Emília a culpa era das vacinas. E claro que ela tinha uma solução pra amenizar esses supostos efeitos colaterais: a ozonioterapia. Coincidentemente, quem diria, ela não só aplica o método como é presidente da Sociedade Brasileira de Ozonioterapia Médica. A Maria Emília vive falando que esse tratamento é um santo remédio pra diversas doenças. No site Ozonizados do Brasil, do qual ela faz parte, é dito que o método trata de autismo a câncer. Só que a ozonioterapia não tem comprovação científica pra nada.

Theo: Agora na pandemia, a nossa médica viking resolveu atacar as vacinas contra a covid e dizer que os pacientes deviam mesmo é usar a ozonioterapia. Em uma reportagem da GloboNews, dá pra ver o nome da Maria Emília em um prontuário do médico negacionista Anthony Wong, que teria recebido 20 aplicações retais de

ozonioterapia antes de morrer de covid, apesar de a Prevent Senior ter ocultado esse fato.

Thaís: Se depender dessa senhora, o movimento antivacina por aqui deslança. Até porque aí ela teria mais espaço pra ficar vendendo supostos milagres que nem a ozonioterapia. Tá reparando que não é só irracionalidade? E é disso que o psiquiatra José Gallucci Neto tem medo. Ele foi um dos responsáveis por investigar as reações psicogênicas no Acre, e falou com a gente pro nosso episódio sobre o movimento antivacina.

SONORA GALLUCCI

55: 33 o movimento antivacina no Brasil, ele é embrionário. Mas a semente tá plantada, ele tá lá. Porque não adianta a gente resolver combater isso quando chegar, por exemplo, numa situação que os Estados Unidos tá hoje. Que é praticamente um negócio incontrolável aquilo. **55:58**

Thaís: A CPI da Covid mostrou que tinham interesses por trás da resistência a essa ou aquela vacina. Se por um lado o governo resistiu pra comprar a Coronavac e chegou a ignorar 53 e-mails com ofertas da Pfizer, por outro ele se meteu em negociações bem suspeitas.

SONORA CPI - arquivo <https://www.youtube.com/watch?v=43yTM9IHD-0>

Renan Calheiros: Qual era o valor da propina?

Dominghetti: 1 dólar por dose

Theo: A voz que você escutou é a do Luiz Paulo Dominghetti, um personagem que apareceu na CPI depois de falar numa reportagem da Folha de S. Paulo que tava negociando com o ministério da Saúde 400 MILHÕES DE DOSES DE VACINAS da AstraZeneca - quantidade suficiente pra imunizar quase a população brasileira inteira. Isso através de um representante que teria pedido essa taxinha aí, de um dólar por dose negociada. Ou seja, 400 milhões de dólares. Ou 2 BILHÕES DE REAIS. Se você considerar uma cotação de 5 reais pra cada dólar.

Theo: O Dominghetti é um policial militar de Minas Gerais que se disse associado a uma empresa que nem licença tem pra vender vacinas da AstraZeneca. O cara tem 37 processos nas costas, um deles movido pela ex-mulher, que diz que o Dominghetti financiou um carro no nome dela, não pagou as parcelas e ainda tomou um monte de multas. Eu não compraria nem uma bicicleta desse cara! Por que será que o ministério da Saúde tava negociando com ele?

Thaís: E ainda teve o caso da Covaxin, denunciado por um servidor do ministério da Saúde. Esse caso levantou suspeitas fortes sobre um esquemão coordenado pelo líder do governo na Câmara, o ex-ministro da Saúde Ricardo Barros. Detalhe que a Covaxin, um imunizante de fabricação indiana, não era aprovada pra uso nem aqui nem na Índia.

Theo: Também teve a vez que o Bolsonaro comemorou a morte de um voluntário em um dos estudos sobre a coronavac, ou aquela outra que ele debochou de quem sentia falta de ar causada pela Covid.

Sonora BOLSONARO arquivo live bolsonaro

“Cê vai pra casa... quando você começar a (imita o som de uma pessoa asfixiada), tiver falta de ar, aí você vai pro hospital!”

Ou então o absurdo que aconteceu em Manaus, quando faltou oxigênio nos hospitais causando a morte de pessoas que estavam internadas com a doença. Enfim, dava pra seguir por mais umas horas, mas o ponto central é que o nosso governo jogou contra a ciência e contra a população, o que no fundo é mais ou menos a mesma coisa.

SONORA HALLAL

33:24 O Brasil desestimulou o uso de máscaras enquanto política pública, o Brasil demorou para comprar vacina, o Brasil fez uma campanha contra vacinação lá no início, especialmente partindo do próprio Presidente, então o Brasil praticamente gabarita o check list de tudo que não deve ser feito no momento de uma pandemia.

Theo: É isso aí Hallal. E até mais na verdade, como disse o Marcus Lacerda:

SONORA MARCUS LACERDA

59:48 Olha, para fechar com o nome do programa de vocês: O governo brasileiro transformou a ciência em uma coisa suja. 59:59 O verdadeiro cientista foi enxovalhado, desacreditado. (...) Nós passamos de solucionadores de problemas a pessoas sujas. A ciência é, hoje, no Brasil, é vista pelo cidadão médio como algo sujo.

RESPIRO

Theo: Essa fala do Marcus Lacerda foi um soco no estômago. Eu não sou pesquisador, não tenho nem pós graduação nem nada, e caí na cobertura de ciência e saúde por acaso, quando eu tava procurando um estágio lá em 2008. Mas eu me encontrei nessa área, e tive a oportunidade de fazer muitas reportagens com boas notícias, o que não é

algo tão fácil em outras áreas do jornalismo. Então dói de verdade quando eu ouço pesquisadores e profissionais sérios, que são os responsáveis por aquelas boas notícias que eu pude dar no passado, sofrendo retaliações justamente porque tão fazendo um ótimo trabalho.

Thais: Essa sensação é algo que todo mundo aqui do Ciência Suja carrega. Porque parece que a gente não aprendeu nada! Eu vi um charlatão vender uma falsa cura pro câncer, e agora tô assistindo a mesma coisa com cloroquina, ivermectina, proxalutamida e sabe-se lá o que vai entrar nessa listinha ainda. Não tem nem um século que a Alemanha nazista perdeu a guerra e a sociedade já tá deixando passar de novo argumentos eugênicos, como o da imunidade de rebanho natural.

Theo: Então talvez essa nossa retrospectiva de fim de temporada tenha ficado meio angustiante, e eu deixo aqui um pedido de desculpas se você tá com um gosto amargo na boca. Mas tomara também que esse desconforto seja construtivo. O nosso podcast nasceu com a proposta de valorizar a ciência dirigindo pela contramão. A gente queria que você visse o negacionismo acelerando com luz alta na sua direção pra você assumir o volante. E tá aí uma visão otimista minha, olha lá.

Thais: A ciência bem feita é linda, gente. Tem amor, dedicação, solidariedade. E você não precisa ser um pesquisador pra batalhar por essas coisas.

CRÉDITOS

Thais: É isso pessoal, fim da primeira temporada. Eu queria agradecer por todo carinho recebido, pelos elogios, pelas críticas. Foi demais ver tantos grandes nomes da ciência discutindo nossos episódios.

Theo: E a gente conta com o apoio de todos pra próxima temporada. Fique de olho em nossas redes sociais porque daqui a pouco a gente fala como vocês podem ajudar a manter o projeto de pé.

++Thais: O Ciência Suja é apresentado por mim, Thaís Manarini, e pelo Theo Ruprecht. A pesquisa do episódio foi feita por nós dois, pelo Felipe Barbosa e pelo Pedro Belo, da NAV Reportagens. O roteiro é meu, do Pedrão e do Theo, com vários toques e sugestões do Felipe.

++Theo: A edição, mixagem e trilhas são do Felipe Barbosa. O planejamento das redes sociais é do André Sender. O projeto gráfico é da Mayla Tanferri e do Guilherme Henrique.

++Thaís: Neste episódio nós usamos trechos de vídeos da TV Globo, da Rede TV, do jornal Metrôpoles, da BBC Brasil, do Global News, do UOL, da Record News, da TV Brasil, da TV Câmara e do Estadão, além de vídeos de páginas públicas no YouTube e Facebook.

++Theo: Eu queria agradecer nossa mentora, a Sylvia Maria Gross. E ao Instituto Serrapilheira, que garantiu a realização dessa primeira temporada. Pra conhecer melhor outros trabalhos que eles apoiam, acesse o site serrapilheira.org//

++Theo: E siga a gente nas redes sociais. O Ciência Suja tá no Instagram, Facebook e Twitter. Os episódios estão nos principais tocadores e no YouTube.///.